

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

### **A DESPALATALIZAÇÃO DE /ɲ/ NA FALA DA ZONA URBANA DE RIO BRANCO (AC)**

*Lindinalva Messias do Nascimento Chaves (UFAC)*

[lindinalvamessias@yahoo.com.br](mailto:lindinalvamessias@yahoo.com.br)

*Francisca Eleni Silva de Melo (CED-Ac)*

[eleni-melo@uol.com.br](mailto:eleni-melo@uol.com.br)

#### **INTRODUÇÃO**

A despalatalização do fonema consonantal /ɲ<sup>23</sup> no português do Brasil consiste em um processo fonético no qual o segmento perde sua característica palatal, ou seja, deixa de ser pronunciado na região do palato duro, dando margem à produção de uma série de variantes. Exemplos clássicos encontrados na literatura específica são paia por palha e fia por filha.

A temática da despalatalização das consoantes, notadamente de /ɲ/ e de / ɲ/, se reveste de grande importância no âmbito da descrição das variantes do português falado no estado do Acre. Com efeito, trata-se de um processo fonético bastante frequente neste estado, que não tem sido objeto de estudos, ao contrário do que ocorre em outras regiões do Brasil, notadamente o nordeste, onde já existem pesquisas sobre este assunto associado aos falares locais. Contudo, ainda que pouco debatido nos meios acadêmicos acreanos, o tema da despalatalização dos fonemas mencionados não pode ser classificado como inteiramente novo na agenda universitária do Acre. Algumas incursões à temática foram feitas em trabalhos de iniciação científica do Centro de Estudos dos Discursos do Acre (CED-Ac), mesmo que tais pesquisas não tivessem esse fenômeno como alvo específico e, por conseguinte, o houvessem tratado de forma tangencial.

Neste estudo, examinamos especificamente essa questão, apenas no que se refere a /ɲ/, sob o enfoque da Sociolinguística Variacionista Laboviana, com vistas ao aprofundamento das pesquisas acima citadas e, sobretudo, com a intenção de descrever as variantes que ocorrem nesse processo quando se trata de uma modalidade da

---

<sup>23</sup> Por questões práticas não estamos usando fontes fonéticas neste trabalho.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

fala acreana. No entanto, em virtude da amplitude da análise, limitamos o exame aos fatores linguísticos relacionados ao processo em questão, ficando os elementos extralinguísticos ou sociais para apresentações posteriores.

Apesar da abordagem com parâmetros da Sociolinguística, por se tratar de um aspecto fonético da língua, consideramos necessário descrever, ainda que brevemente, o processo da palatalização no âmbito da Fonética Articulatória. Paralelamente, algumas informações no contexto da Linguística Histórica são fornecidas.

Justificamos a escolha desse tema por três razões: a primeira, já apresentada, é a novidade da questão, ainda pouco explorada nas pesquisas da academia acreana; a segunda é o fato de poder contribuir para o estabelecimento das divisões dialetais do Brasil, estudos que vêm sendo realizados por vários grupos de pesquisadores espalhados por todo o país, principalmente os que trabalham na produção de Atlas Linguísticos; a terceira, a mais óbvia e talvez a mais importante, é a possibilidade de contribuir para a sistematização descritiva das particularidades das falas do Acre.

### **FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

#### ***Despalatalização***

Cagliari (1974, p. 161) refere-se à despalatalização como uma etapa da evolução do som palatal, e afirma que o fenômeno se dá por meio do enfraquecimento do contato línguo-palatal. Bergo (1986, p. 70) define o termo como um “fenômeno fonético de caráter individual ou regional que consiste em trocar-se um fonema palatal por um alveolar ou linguodental em consequência de não se apoiar devidamente a língua na abóbada palatina ao proferir aquele som”.

Na verdade, o fenômeno linguístico em questão tem maior alcance, implicando também o que é denominado na literatura específica de “iotização”, e, ainda, a ocorrência do zero fonético [ø], ou seja, o apagamento completo da consoante. No primeiro caso, tem-se a produção [y] em palavras como pilha [piya] e trabalho [trabayó]. No segundo caso, o do zero fonético, há realizações como a verificada para a palavra milho [mio], muito comuns nas populações não esco-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

larizadas e, com mais frequência, não urbanas. Câmara Júnior (2000, p. 149) descreve a iotização (fenômeno decorrente da despalatalização) como a mudança “de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta /i/ ou para a semivogal correspondente ou iode”. Para o autor, a despalatalização e conseqüente iotização pode ter recebido influência do português crioulo, uma vez que “nos falares crioulos portugueses há a iotização das consoantes molhadas *ɲ* / *e* / /; ex.: mulher > /muyé/, *Nhonhô* > *Ioiô*”.

Aragão (1992, p. 4) acrescenta que fenômenos linguísticos como a despalatalização são mudanças que ocorrem em obediência à “necessidade de rapidez e facilidade de articulação aliada ao relaxamento na articulação, ao descompromisso com o falar ‘correto’ e à falta de conhecimentos básicos da língua”. De outra parte, Jota (1976, p. 179) já havia afirmado que a despalatalização precede a palatalização, conforme ocorreu com o vocábulo *milia* (*lat.*) > *milya* > *miλa*.

Alguns autores apresentam hipóteses para a origem desse processo fonético. Em seus estudos históricos, Nascentes (1953, p. 49), por exemplo, comenta as razões de ordem etnográfica que resultaram na dificuldade da pronúncia do /ɲ/ pela classe inculta, e afirma que a “dita classe era composta em sua maioria de índios e africanos que não possuíam este fonema em suas línguas; tiveram de aprendê-lo, aprenderam estropiadamente e deste modo o transmitiram aos seus descendentes”.

Para Chaves de Melo (1981, p. 81), essa transformação pode ter decorrido por meio de uma influência românica ou africana. Mas, apesar de apontar as duas hipóteses, o autor dá preferência à segunda:

Sem embargo, porém de ser evolução românica a lh/y, sou inclinado a explicá-la, aqui no Brasil, por influência africana, uma vez que o fato ocorre de regra nas zonas mais africanizadas, sendo quase geral num ponto intensamente trabalhado dos negros, São João da Chapada, em Minas, segundo nos informa Aires da Mata Machado.

No entanto, sobre a hipótese da origem africana para a despalatalização, contrapõem-se as considerações de Boléo (1943, p. 47), segundo o qual, no distrito de Ponta Delgado, na povoação de Arrifes, se usava esta pronúncia: “orvaio, *carrie* (carrilho, nome do carrolo = interior da maçaroca, depois de tirados os grãos), *ovêias*, *coêio*,

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

cestias (cestilhas, instrumentos para caçar pássaros), abêia, borraio, joeira, ajoeiar (ajoelhar)”.

Aguilera (1999, p. 158) trata desse processo, apresentando o parecer de pesquisadores como Nascentes (1953), Penha (1972), Câmara Júnior (1979 e 1981), Elia (1979), Jota (1981) e Melo (1981). A autora constata não haver consenso quanto à nomeação do processo, pois enquanto alguns autores o consideram uma despalatalização, outros o conceituam como uma iotização. Para ela, o que ocorre é uma iotização ou uma semivocalização (e não uma vocalização, pois o yode é uma semivogal), descartando a possibilidade de uma despalatalização, pois o yode é palatal também. No decorrer de seu estudo, Aguilera afirma que esse processo é “um traço predominante na fala rural ou inculta que se expande por todas as regiões brasileiras como se pode documentar pelos Atlas já publicados”.

Conforme apontou Aguilera, a despalatalização presente nos falares rural e nos das camadas mais populares apresenta algumas marcas do passado, pois traz, em suas formas diversas, alguns traços da língua portuguesa em sua formação, os quais revelam resquícios de outras línguas, como as línguas indígenas e africanas, principalmente.

Para finalizar, uma explicação de cunho fonético tem sido, em paralelo com as explicações e teorias apresentadas acima, utilizada para explicar as causas do processo. Efetivamente, trata-se de um “a-frouxamento” de articulação, o que na fonética é classicamente denominado “lei do menor esforço”, ou seja, uma articulação é substituída por outra que exige menos dos órgãos fonadores envolvidos. Simões (2006, p. 72) define a lei do menor esforço como “o favorecimento da simplificação articulação” e Messias (1999, p. 72, 2007, p. 9) aborda o assunto como “estratégias para facilitar a tarefa da articulação”.

### ***Procedimentos metodológicos***

As informações gravadas e enviadas para o computador foram analisadas por meio do pacote de programas VARBRUL (versão 2000), um *software* que permite a análise probabilística, realizando

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

com rapidez e precisão o cruzamento de dados, além de facilitar a geração de gráficos a partir dos dados catalogados.

As entrevistas foram realizadas, inicialmente, em quatro localidades de Rio Branco: Vila Custódio Freire, Nova Estação, Cidade Nova e Santa Inês, selecionadas por sorteio. A seleção dos lugares obedeceu ao seguinte critério: dois bairros no Primeiro Distrito e dois no Segundo, tendo-se em vista que a cidade é cortada pelo Rio Acre, que se torna o divisor natural entre os dois distritos. Em virtude de dificuldades para encontrar determinados perfis em alguns desses bairros, efetuou-se um segundo sorteio que contemplou a Cadeia Velha e o Abraão Alab, ambos no primeiro distrito. No mapa da figura 1 estão assinalados os bairros citados.

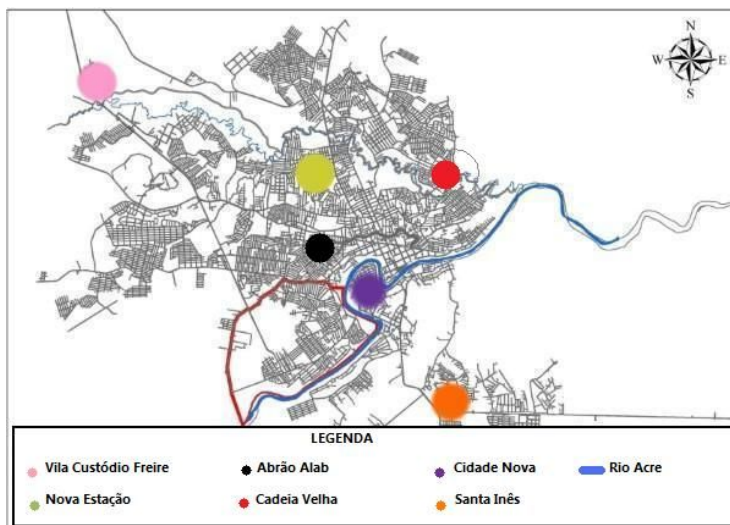


Figura 1 – Mapa de Rio Branco (Fonte: Prefeitura Municipal de Rio Branco – Setor de Georreferenciamento, com adaptações)

Para a obtenção dos dados para análise, aplicamos um Questionário Fonético-Lexical (QFL) baseado no que foi elaborado por Soares (2002, p. 78-80), com algumas mudanças para adaptação à nova pesquisa e ao contexto acreano. Por outro lado, não descartamos a narrativa, considerada “a mina de ouro” para os sociolinguistas, pois esta prioriza a narração e experiência pessoal do entrevistado, que deixa de se preocupar em *como* dizer e passa a pensar no *que*

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

dizer, favorecendo a gravação da fala natural do entrevistado (TARALLO, 1999, p. 23). Todavia, como as ocorrências de palavras com os fonemas em estudo eram poucas, o QFL foi o principal instrumento para a criação do *corpus* e, neste trabalho, não será apresentada a comparação das ocorrências nas respostas ao QFL com as ocorrências nas narrativas.

Para a composição da amostra, levamos em conta elementos linguísticos e extralinguísticos, os primeiros compreendendo o contexto fonético precedente, o contexto fonético subsequente, a tonicidade da sílaba, e, ainda, a classe das palavras; e os segundos abrangendo o gênero, a faixa etária e a escolaridade dos informantes.

No total, foram entrevistadas 72 pessoas cujas produções de /ʎ/ serviram de *corpus* para a análise. São 36 homens e 36 mulheres, e 24 informantes (homens e mulheres) por faixa etária (A - 1 8-35 anos; B - 36-53 anos; C - a partir de 54 anos). Além da idade, foram levados em consideração os níveis de escolaridade, a saber: 1) baixa ou nenhuma escolarização - até a 4<sup>a</sup> série do ensino fundamental; 2) ensino fundamental e médio - da 5<sup>a</sup> série ao ensino médio; 3) nível superior - qualquer graduação, concluída ou em andamento.

Para calcular o número total das palavras pertencentes ao *corpus*, multiplicamos o número de perguntas do QFL, 33, pelo número de informantes, 72, o que resultaria em 2.376 produções contendo /ʎ/. No entanto, houve casos de algumas perguntas não serem respondidas com a palavra que se esperava, o que reduziu o *corpus* a 2.224 produções. Um exemplo de resposta diferente da esperada foi a palavra “meia” para a pergunta n. 5 – Tipo de tecido de algodão, mole e delicado? – no lugar de “malha”.

Com relação à transcrição fonética, utilizou-se a fonte IPAki-el e o Alfabeto Fonético Internacional.

Finalizando, é importante ressaltar que, além dos fatores gênero, idade e escolaridade, os informantes selecionados são acreanos, ou chegaram ao Acre, especificamente a Rio Branco, até os cinco anos de idade, uma vez que, segundo Tarallo (1999, p. 28-30), esta é a idade máxima para um indivíduo se integrar na comunidade falante e desta compartilhar os traços linguísticos.

ANÁLISE DOS DADOS

Aventamos duas hipóteses no que se refere aos fatores linguísticos: 1 - a variante [λ], que exige maior força articulatória, deveria estar vinculada ao contexto tônico; 2 - em sentido contrário, as outras variantes, mais relaxadas, ocorreriam nas posições átonas. Por último, esperávamos que a produção da variante [lj] não fosse significativa, embora atestada em outros estudos, tal qual o de Soares (2002) sobre as variantes do Marabá (PA).

Em relação aos demais contextos linguísticos não levantamos hipóteses, nos restringindo a comparar nossos resultados aos de outros trabalhos feitos em outras regiões do país.

Como já foi mencionado, foram encontradas, inicialmente, 2.224 produções com as variantes do fonema /λ/. Essas variantes são: lateral palatal [λ] (ocorrência em palavras como: joelho, retalho, calha); lateral palatal seguida de semivogal [λj] (ocorrência em palavras como: cartilha, pilha, barulho); lateral alveolar seguida de semivogal [lj] (ocorrência em palavras como: pilha, telha, agulha); lateral alveolar [l] (ocorrência em palavras como: bilhete, trabalho, barulho); iotização [j] (ocorrência em palavras como: galho, folhas, colher); apagamento [ø] (ocorrência em palavras como: abelha).

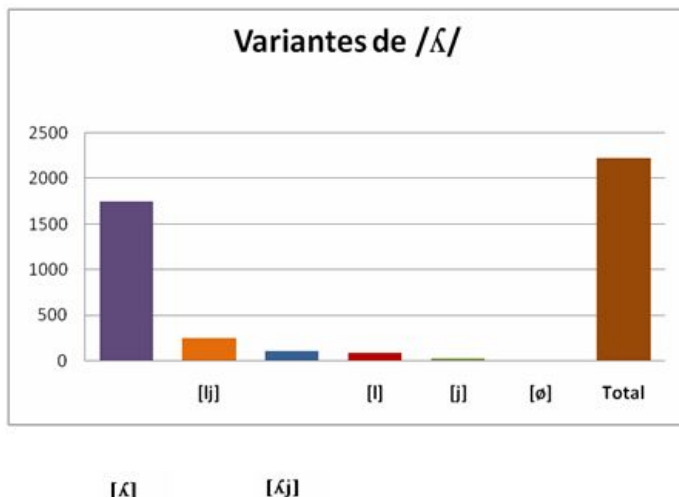
Na figura n. 1, o gráfico ilustra a frequência das variantes da lateral palatal registradas no *corpus*.

A variante [λ], considerada de maior prestígio social, apresentou o mais alto índice de ocorrências (1.750 realizações, 78.7% do total). Em ordem decrescente, seguiram-se as variantes: [lj] (253 realizações, 11.4.% do total); [λj] (111 realizações, 5% do total); [l] (87 realizações, 3.9% do total); [j] (22 realizações, 1% do total); [ø] (1 realização, 0% do total). Estas variantes, que se afastam da realização [λ], representam, juntas, 21.3% das 2.224 produções.

Tais variantes foram amalgamadas da seguinte forma: a lateral palatal [λ] com a lateral palatal seguida de semivogal [λj], pela proximidade e permanência do caráter palatal; a lateral [l] com a lateral alveolar seguida de semivogal [lj]; a variante iotizada [j] com o apagamento. Esses agrupamentos foram necessários devido a presença de *knockouts* na primeira rodada dos dados no VARBRUL e

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

esses ajustes diminuíram o *corpus* para 1764 produções. Desse modo, as variantes reduziram-se a três, [λ],[lj] e [j], e as análises posteriores foram feitas com base nas junções especificadas anteriormente.



**Figura 2:** gráfico - frequências das variantes de /λ/

No que se refere ao contexto antecedente, os resultados iniciais apontaram a existência de quatro knockouts no grupo de fatores linguísticos, o que exigiu a supressão dos mesmos. Desse modo, foram retirados do contexto antecedente o segmento *i* oral e nasal. O contexto [o] foi agrupado com [ó], tendo-se em vista que diante do primeiro segmento vocálico não ocorreu nenhuma variante [lj]. Essa reorganização dos dados possibilitou as rodadas para se obter os resultados, bem como o input<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> O *input* gera a frequência das variantes e relaciona-se diretamente ao valor atribuído ao grau de *significance* do grupo de fatores.



## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Os fatores linguísticos do contexto antecedente que favoreceram as variantes do fonema em discussão seguem apresentados na tabela n. 1. Exemplos de palavras com /λ/ nesse contexto, constantes do *corpus*, são: malha, telha, folha, molhada, mulher.

Contexto antecedente	Variantes							
	Freq.	Perc.	[λ]		[j]		[j]	
			Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.
[a]	666	37.8%	559	.441	94	.551	13	.625
[e]	340	19.3%	306	.575	32	.438	2	.332
[o, ó]	389	22.1%	354	.603	30	.385	5	.522
[u]	369	20.9%	307	.428	59	.587	3	.408
	1764	TOTAL	1526	--	215	--	23	--

**Tabela 1:** contexto antecedente de /λ/

De forma geral, pode-se afirmar que todas as variantes estão ligadas aos quatro grupos, mas em termos de índices probabilísticos, temos os seguintes resultados:

- [λ] é mais favorecido pelas vogais médias posteriores [o, ó] (peso relativo .603). Em seguida, por ordem decrescente, aparecem: vogal média-alta anterior [e] (.575); vogal baixa [a] (.441) e vogal alta posterior [u] (.441).

- [j] é favorecida em primeiro lugar pela vogal alta posterior [u] (.587), seguida da vogal baixa [a] (.551), da vogal média-alta anterior [e] (.438) e, por último, das médias posteriores [o, ó] (.385).

- [j] é favorecida pela vogal baixa [a] (.625), o maior índice encontrado. Em seguida aparecem: as médias posteriores (.522); a média alta posterior (.408) e a média alta anterior (.332).

Trazendo para a discussão, dados de outros estudiosos do assunto, acerca da variante [j] temos as seguintes informações:

- nos resultados de Madureira (1987), entre os segmentos antecedentes o segmento [a] é o mais favorável a essa variante, sendo as posteriores irrelevantes;

- nos estudos de Brandão (1996), o ambiente mais favorável é o da vogal baixa;

- no trabalho de Silva e Moreira (1977), são apontados como favoráveis a vogal baixa, a média-baixa e as médias posteriores (alta e baixa);

- na dissertação de Soares (2002), a vogal baixa tem peso mais favorável para [j].

Nota-se a constante da vogal baixa como elemento favorecedor à iotização, o que também ocorreu nos dados aqui apresentados. Essa coincidência de resultados ocorreu também com os resultados

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

de Silva e Moreira quando eles apontam as médias posteriores entre os segmentos favoráveis a [j].

Quanto à relevância do contexto antecedente, observamos: [λ], *significance* 0.000, *input* 0.869; [lj]; *significance* 0.001, *input* 0.118; [j], *significance* 0.226, *input* 0.012.

O grupo linguístico em apreço é altamente significativo quanto às variantes [λ] e [ly], tendo-se em conta que ambas apresentam alto índice de relevância. Todavia, observe-se que para a variante [j] a frequência é baixa (0.012), o que não dá segurança para a aplicação da regra para esta variante neste contexto linguístico, pois o grau de significância mostrou-se bastante negativo (0.226). Esses dados, no entanto, analisam as variantes separadamente, e esse fato não descarta a importância do grupo, que, nas rodadas em conjunto com os outros grupos (*step up* e *step down*), pode se mostrar significativo.

Quanto ao **contexto subsequente**, ocorreram os seguintes *knockouts*: inexistência de [o] e [e] após a variante [j] e de [ã] após a variante [lj]. Dessa forma, [o] foi eliminado, [ã] e [a] foram amalgamados em um só grupo, assim como [é] e [e]. A tabela n. 2 contém esses contextos e as variantes correspondentes. Como exemplos de palavras contendo /λ/ nessas posições citamos: folha, trabalhando, trabalhar, colher, bilhete, alho, serralheiro.

Contexto subsequente		Variantes					
		[λ]		[l]		[j]	
Freq.	Perc.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.
[a]	481 27.3%	409	.444	67	-.576	5	-.446
[ã, a]	233 13.2%	226	.819	4	-.128	3	-.500
[é, e]	146 8.3%	123	.429	21	-.585	2	-.515
[u]	854 48.4%	729	.451	113	.562	12	.522
Ditongo	50 2.8%	39	.333	10	.677	1	.609
1764 TOTAL		1526	--	215	--	23	--

**Tabela 2:** contexto subsequente de /λ/

Resumimos as principais informações concernentes à tabela n. 2:

- [λ] é mais favorecido pelas vogais baixas oral e nasal [a, ã] (.819). A vogal alta posterior [u] (.451), a baixa em posição átona [a] (.444) e as médias anteriores [é, e] (.429) atuam de forma mediana. O ditongo tem peso negativo (.333).
- [lj] é favorecido em primeiro lugar pelo ditongo [ej] (.677). Vêm, em seguida, a vogais médias [é, e] (.585), a vogal baixa em posição átona final [a] (.576) e a vogal alta posterior [u] (.562). O único contexto que desfavorece [lj] é a vogal baixa oral ou nasal (.128).
- [j] também é mais favorecido ditongo (.609), seguido de: vogal alta posterior [u] (.522), vogais médias [é, e] (.515), vogais baixas [a, ã] (.500).

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Os resultados concernentes a [lj], apontando para o ditongo, com peso relativo .677, como o maior elemento favorecedor desta realização, vão ao encontro do resultado obtido por Soares (2002). Para esta autora, “o ditongo, cuja vogal é a média anterior ou posterior oral ou nasal, aparece como um elemento favorável”.<sup>25</sup>

No que se refere à variante [j], também fortemente influenciada pelo ditongo, deve-se registrar que a sua frequência é muito baixa na amostra (2,8%), a vogal alta posterior apresenta um índice bastante expressivo (.522) com um número de frequência maior (48,4%).

De modo semelhante ao que ocorre em relação aos segmentos antecedentes, não é possível a identificação total do efeito das vogais subsequentes, quanto à altura e à localização anterior e posterior, para a realização das variantes da lateral palatal.

No tocante à significância deste contexto para a regra variável, o programa forneceu os seguintes dados: [λ], *significance* 0.000, *input* 0.877; [lj], *significance* 0.000, *input* 0.106; [j], *significance* 0.971, *input* 0.013.

Assim como aconteceu no contexto antecedente, este grupo de fatores linguísticos também é relevante, principalmente para as variantes [λ] e [lj], visto que as duas apresentaram alto valor de *significance* (0.000). Ainda de forma análoga ao grupo analisado anteriormente, a variante [j], devido à sua pouca frequência (*input* 0.013), não se mostrou confiável com valor altamente negativo, *significance* 0.971.

Quanto ao fator **tonicidade da sílaba** em que se encontra [λ], os dados estão reunidos na tabela 3. Como houve *knockout*, foram colocadas em um só grupo as sílabas pretônicas e postônicas. Apresenta-se como exemplo do primeiro grupo a palavra *telhado*, e do segundo, *bilheteria* e *espelho*.

Tonicidade da sílaba		Variantes					
		[λ]		[lj]		[j]	
Freq.	Perc.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.
Tônica	444 25.2%	402	.603	35	.378	7	.551
Pretônica + Postônica	1320 74.8%	1124	.465	180	.542	16	.483
1764	TOTAL	1526	--	215	--	23	--

**Tabela 3:** tonicidade da sílaba referente a /λ/

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

A tonicidade da sílaba em que se encontra o segmento revelou-se importante mas não tanto quanto se esperava. Há, como previsto, uma tendência à permanência de [λ] na posição tônica (peso relativo .603). Nas produções despalatalizadas, os índices caem para .551 na iotização e .378 na variante [lj]. Contudo, as frequências destas duas últimas categorias são sensivelmente inferiores à da primeira .

No bloco das não tônicas, persiste a tendência à manutenção de [λ], com índice probabilístico .465, considerando-se que, na variante [lj], embora o índice seja mais elevado (.542), a frequência (180) é bem menor do que a de [λ] (1.124).

Quanto à iotização, o índice também foi alto, (.483), mas como neste caso as frequências são baixas (*input* 0.013), o grau de *significance* ficou em .590. As outras duas variantes apresentaram os seguintes dados: [λ], *significance* 0.003, *input* 0.865; [lj], *significance* 0.000, *input* 0.121.

Da mesma forma que aconteceu com os grupos de fatores antecedente e subsequente, de maneira isolada, o programa detectou que a tonicidade da sílaba mostrou-se relevante para [λ] e [lj], e irrelevante para [j].

O grupo referente à classe de palavras também sofreu algumas amalgamações, visto a presença de dois *knockouts*, um na classe dos verbos e outro na dos adjetivos. As duas ocorrências com efeito zero foram detectadas na variante [lj]. Como solução, verbos e adjetivos foram amalgamados numa só classe, conforme se observa na tabela n. 4. Alguns exemplos de palavras do *corpus* são: ferrolho, trabalhar, molhada.

Classe de palavra	Variantes							
	Freq.	Perc.	[λ]		[lj]		[j]	
			Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.	Freq.	Peso Rel.
Subst.	1647	85.7%	1418	.448	208	.494	21	.527
Verbo/ adj.	117	6.6%	108	.399	7	.416	2	.125
1764 TOTAL			1526	--	215	--	23	--

Tabela 4: classe de palavra referente a [λ]

Nota-se que o substantivo tem efeito favorável para as três variantes (.448, .494, .527). Por outro lado, verbos e adjetivos atuam com mais força para a realização de [lj] e de [λ], influenciando desfavoravelmente quando se trata de [j]. Esses resultados diferem dos

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

de Silva e Moreira (1997) que registra o favorecimento da variante semivocalizada pelo substantivo, em oposição a adjetivos e verbos.

Por outro lado, tal qual o *corpus* analisado por Soares, este em exame, contém um número de substantivos bem superior ao de verbos e adjetivos, 1.647 e 117, respectivamente. É, também, ainda coincidindo com os dados de Soares, na classe dos substantivos que a variante [λ] tem maior ocorrência (1.418) e pesos relativos mais altos (.448), opondo-se aos resultados registrados para os verbos, em relação às outras variantes.

Ressalte-se que a maior quantidade de substantivos em detrimento de verbos e adjetivos deve-se à estruturação das perguntas do QFL, que propiciam respostas contendo substantivos. Ademais, mesmo em contextos que deveriam aparecer verbos, a tendência dos informantes era transformá-los em nomes, como ocorreu, por exemplo, com a pergunta n. 2 “A atividade que uma pessoa faz para ganhar dinheiro honestamente?”, que deveria resultar na resposta *trabalhar*, geralmente se obtinha *trabalho*.

No tocante à relevância do grupo classe de palavras, note-se: [λ], *significance* 0.002, *input* 0.798; [lj], *significance* 0.000, *input* 0.156; [j], *significance* 0.199, *input* 0.050.

Mesmo com a baixa frequência de verbos e adjetivos para [lj], 7 realizações, e [j], 2 realizações, o VARBRUL calculou que apenas esta última variante não apresenta valor positivo quanto à significância para a regra variável, com *input* 0.050, e *significance* 0.199. Para [λ] e [lj], a classe gramatical revelou-se significativa. Contudo, a pouca quantidade de dados em duas variantes pode modificar a importância deste grupo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscamos verificar, neste trabalho, como se configura a alternância de uso das variantes do fonema /λ/ na fala dos informantes em exame, bem como os fatores linguísticos que exercem influência no uso das mesmas. Embora os resultados nem sempre tenham sido claros quanto à influência desses fatores, pelo menos foi possível de-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

tectar as variantes utilizadas pelos informantes, o que já valida a investigação.

Um ponto que deve ser abordado é a utilidade de uma complementação da pesquisa no âmbito da Fonética Acústica visto que estudos feitos por meio de programas de análise da fala conferem maior rigor e precisão à classificação de articulações, classificação esta efetuada a partir da simples oitiva das gravações. Nesse sentido, deve-se registrar que este estudo não esgota as possibilidades de análise das formas variantes do fonema /ʎ/ na fala dos riobranquenses. Não apresentamos, ainda, os fatores sociais, nem o elemento estrutura das palavras entre os fatores linguísticos. Como as limitações de tempo não possibilitaram tais etapas nesta pesquisa inicial, elas não poderão ser relegadas a segundo plano nas continuções.

### REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Um estudo geolinguístico da iotização no português brasileiro. **In:** —. (Org.). *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: 1999.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A Despalatalização e Iotização no Atlas Linguístico da Paraíba. **In:** *4º Encontro Nacional de Fonética e Fonologia*, 1992, Niterói - RJ. *4º Encontro Nacional de Fonética e Fonologia - Resumos*, 1992.

BERGO, Vitorio. *Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

CAGLIARI, Luís Carlos. *A palatalização em português: Uma Investigação Palatográfica*. Dissertação de Mestrado. Unicamp: Campinas, 1974.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHAVES DE MELO, Gladstone. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2001.

MADUREIRA, Evelyne Dogliani. *Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

**Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

MESSIAS, Lindinalva. *Les consonnes orales du portugais du Brésil*. Analyse segmentale et perceptive de la sonorité et de l'assimilation. Tese (doutorado). Strasbourg, França: Universidade Marc Bloch, 1999.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

SILVA, Flávia R. Santoro., MOREIRA, Valéria Regina de O. O Comportamento das Palatais Lateral e Nasal na Fala de Comunidades Pesqueiras Fluminenses. *Jornada de Iniciação Científica da UFRJ*, XIX. Rio de Janeiro: Fac. de Letras, UFRJ, 1997.

SIMÕES, Darcília. *Considerações sobre a fala e a escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SOARES, Eliane Pereira Machado. *Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-PA*. Dissertação de mestrado. Belém: 2002.